

O ganhador

Olhou para baixo; ali estavam o precipício e, de seu sopé, o início da imensa pradaria onde pastavam seu gado, às centenas; ovelhas, milhares delas; à esquerda, junto à casa que construía, milho, algodão, inhame, mandioca e pimenta em profusão. Muito quiabo. Na casa, recebia em noitadas sem fim potentados da vizinhança.

Tudo seu. Tudo bem perto de Olinda, no Recife.

Era fins do século dezenove.

Sem qualquer dificuldade, deu costas ao abismo e iniciou a descida da ribanceira, de volta para casa.

Pensou, vez milésima, num idêntico despenhadeiro.

Tinha, então, o grilhão preso ao tornozelo e duas alternativas: uma – naquele momento de descuido do traficante, jogar-se no vazio e impedir a perda de sua alma e corpo, como diziam, no malfalado e incógnito outro lado do mar.

A outra, apostar para ver como era realmente a terra sem volta. Jogar, como sempre fizera, até que perdera para um opositor a rodada que valia sua própria carne.